

No começo deste século, aquando do assassinio dos brancos pelos negros, vivia em Port-au-Prince, na parte francesa da ilha de S. Domingo, na plantação do Senhor Guillaume von Villeneuve, um negro velho e terrível de nome Congo Hoango. Este indivíduo, oriundo de África, da Costa do Ouro, que na juventude parecera ser de índole fiel e íntegra, fora cumulado de inúmeros benefícios pelo seu senhor, porque lhe salvara uma vez a vida numa travessia para Cuba. O Senhor Guillaume não se limitou a conceder-lhe, de imediato, a liberdade e a destinar-lhe um lar na altura do regresso a S. Domingo.

Alguns anos mais tarde, mesmo contra os hábitos da terra, fê-lo feitor da sua considerável quinta e, como ele não quis casar de novo, deu-lhe para companheira uma velha mulata da sua

plantação, de nome Babekan, que era ainda sua parente afastada por parte da falecida primeira mulher. Quando o negro chegou aos sessenta anos concedeu-lhe mesmo uma reforma considerável e coroou ainda os seus benefícios destinando-lhe um legado em testamento.

Contudo, todas estas provas de gratidão não conseguiram proteger o Senhor Villeneuve da ira deste homem feroz. Quando o delírio generalizado de vingança flamejou por estas plantações devido às medidas irreflectidas da Assembleia Nacional, Congo Hoango foi um dos primeiros a pegar em armas e, recordando-se da tirania que o arrancara da sua pátria, meteu uma bala na cabeça do seu senhor. Pegou fogo à casa onde a esposa deste se refugiara com os seus três filhos e os restantes brancos da colónia e devastou toda a plantação, a qual poderia vir a ser reivindicada pelos herdeiros que moravam em Port-au-Prince. Depois de ter deitado por terra todas as instalações pertencentes à quinta, partiu com os negros que reunira e armara por toda a vizinhança, para socorrer os seus irmãos na luta contra os brancos. Ora espiava os brancos que cruzavam a terra em bandos armados, ora atacava, em pleno dia, os próprios colonos entrincheirados nas suas colónias e passava pelas armas toda a gente que aí encontrava. Na sua sede desumana de vingança, exigia mesmo

que a velha Babekan e a filha desta, uma jovem mestiça de quinze anos, de nome Toni, tomassem parte nessa guerra feroz que o rejuvenescia completamente. E como o edifício principal da plantação, que agora habitava, ficava isolado na estrada nacional e aí apareciam frequentemente, durante a sua ausência, fugitivos brancos e crioulos em busca de comida ou alojamento, instruiu as mulheres para que entretivessem esses cães brancos, como lhes chamava, com protecções e favores até ao seu regresso.

Babekan, que sofria de tísica devido a um cruel castigo que sofrera na juventude, costumava, em tais casos, enfeitar a jovem Toni com os melhores vestidos. A jovem prestava-se especialmente bem àquela artimanha horrível, devido à cor da sua face, a tender para o amarelado. A mãe incitava-a a não recusar aos estranhos nenhuma carícia, excepto a última que lhe estava proibida sob pena de morte. E quando Congo Hoango voltava com o seu bando de negros das incursões que fizera na região, o destino dos pobres que se tinham deixado enganar por tais artes, era a morte imediata.

Agora sabe-se tudo o que no ano de 1803 — quando o general Dessalines avançou com 30 000 negros contra Port-au-Prince —, os brancos suportaram, precipitando-se para este lugar para o defender. Pois Port-au-Prince foi o últi-

mo reduto do poder francês na ilha e, quando caiu, todos os brancos que aí se encontravam ficaram irremediavelmente perdidos.

Ora aconteceu que, precisamente na ausência do velho Hoango, que partira com os negros que tinha à sua volta para levar ao general Desalines um carregamento de pólvora e chumbo através dos postos franceses, na escuridão de uma noite tempestuosa e chuvosa, alguém bateu à porta das traseiras da sua casa. A velha Babekan, que já estava na cama, levantou-se e colocando apenas uma saia à volta das ancas, abriu a janela e perguntou quem era. «Por Maria e por todos os santos — disse o desconhecido em voz baixa, colocando-se debaixo da janela — responde-me a uma pergunta, antes que vos revele quem sou.» E com isto estendeu a mão na escuridão da noite para agarrar a mão da velha, e perguntou: «Sois negra?» Babekan respondeu: «Ora, sois certamente um branco, porque preferis enfrentar esta noite de breu a encarar uma negra! Entrai — acrescentou ela — e não receeis nada; aqui mora uma mulata, e a única pessoa que se encontra nesta casa além de mim é a minha filha, uma mestiça.» E dizendo isto fechou a janela, como se pretendesse descer e abrir-lhe a porta.

Contudo, com o pretexto de que não conseguia encontrar logo a chave, subiu ao quarto

com alguns vestidos que apanhou a toda a pressa no armário, e acordou a filha. «Toni! — disse ela — Toni!» «Que há mãe?» «Depressa! — respondeu esta — levanta-te e veste-te! Aqui estão vestidos, roupas interiores e meias! Um branco, que é perseguido, está em frente da porta e deseja que o deixemos entrar!» Toni, soerguendo-se na cama, perguntou: «Um branco? — e, pegando nos vestidos que a velha tinha na mão, acrescentou — ele está só, mãe? E não temos nada a recear se o deixarmos entrar?» «Nada, nada! — replicou a velha, acendendo a luz — ele está sem armas e só, e o medo de que possamos atacá-lo fá-lo tremer dos pés à cabeça!» E com isto, enquanto Toni se levantava, vestia uma saia e calçava as meias, a velha acendeu uma lanterna grande que se encontrava no canto do quarto, prendeu rapidamente o cabelo da rapariga ao alto da cabeça, à moda da região, cobriu-a com um chapéu, após ter-lhe atado o peitilho, deu-lhe a lanterna para a mão e ordenou-lhe que descesse ao pátio e mandasse entrar o desconhecido.

Entretanto o latido de alguns cães mastins acordara Nanky, um rapaz que Hoango gerara com uma negra por vias ilegítimas, o qual dormia com o seu irmão Seppy nos edifícios contíguos. Quando o rapaz, à luz da lua, viu um homem sozinho, em pé, nas escadas traseiras da